

(SDRA), e por isso, surgiu a hipótese de tratamento com o tPA para essa condição. Um estudo relatou três casos de pacientes positivos para a COVID-19, com insuficiência respiratória grave, que foram tratados com tPA. Os três pacientes tiveram melhora inicial na razão $\text{PaO}_2/\text{FiO}_2$. Destes, dois pacientes tiveram uma melhora temporária que diminuiu após a conclusão da infusão desse medicamento e um obteve uma resposta positiva duradoura. Um modelo analítico de decisão de Markov, concluiu que os pacientes tratados com o tPA se recuperaram mais rápido em comparação aos não tratados e que esse tratamento foi associado à redução da mortalidade. Cinco pacientes positivos para a COVID-19, que apresentavam hipoxemia grave e exigências crescentes de intubação foram tratados com o tPA. Os 5 pacientes evoluíram bem após o tratamento, sendo que um paciente já intubado teve rápida melhora na relação $\text{PaO}_2/\text{FiO}_2$ e foi extubado 12 horas após o início do tratamento. Outro estudo com cinco pacientes com insuficiência respiratória associada à COVID-19, que foram tratados com o tPA, resultou em: três deles melhoraram após a administração do medicamento e dois tiveram melhoras transitórias não sustentadas. Todos esses estudos não relataram complicações hemorrágicas advindas do tratamento em questão. **Discussão:** Um ensaio clínico revelou melhorias significativas na $\text{PaO}_2/\text{FiO}_2$, quando o tPA foi administrado para pacientes com SDRA grave. A abordagem contemporânea do uso de tPA tem mostrado maior eficácia da lise do coágulo e maior redução da morte, quando comparada com controles não tratados e com outros fármacos, conforme uma metanálise em animais com lesão pulmonar aguda. A posologia, a via de administração e a duração do tratamento ainda não foram definidas. **Conclusão:** O tratamento com o tPA pode ser uma alternativa para a melhora dos pacientes com insuficiência respiratória grave proveniente da COVID-19. Esse tratamento minimizou a necessidade de ventilação mecânica, diminuiu a mortalidade e o tempo de recuperação dos pacientes, ajudando a economizar os recursos escassos necessários para gerenciar essa pandemia. Diante disso, são necessários mais estudos para a confirmação dessa hipótese, assim como para definir o regime posológico ideal de tPA, a via de administração e a duração do tratamento.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.956>

955

USO DO PLASMA CONVALESCENTE COMO MÉTODO DE TRATAMENTO DA DOENÇA DO CORONAVÍRUS 2019 (COVID-19)



E.S. Santos^a, F.L.O. Lima^b

^a Centro Universitário de Tecnologia e Ciências, Itabuna, BA, Brasil

^b Faculdade Nobre de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil

Introdução: A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), trouxe consigo, uma busca mundial para obtenção de métodos com o intuito de conter os efeitos provocados pela doença, bem como a erradicação do vírus e uma consequente cura. Atualmente, não há uma terapia específica, fazendo com que estudiosos destinem suas pesquisas para

o desenvolvimento de um método eficaz, dentre estes, tem-se a vertente da utilização do plasma convalescente (PC) proveniente de amostras sanguíneas coletadas de pacientes curados da infecção pelo SARS-CoV-2, onde se é administrado (administração passiva de anticorpos) nos indivíduos que estão em um estágio de virulência ativo, tendo com desígnio, o fornecimento de imunidade para combater a doença. O PC ou imunoglobulina foi utilizado pela primeira vez em 1890, sendo desde então, instrumento para o tratamento de diversas patologias infecciosas. Subsequente, no século XX, a transfusão do PC como terapia foi novamente utilizada, desta vez, nos surtos de sarampo, caxumba, gripe espanhola e recentemente, ebola e H1N1. O tratamento da SARS-CoV-2 com PC, dar-se pela ausência de métodos eficazes de imunização, no qual, usufrui-se dos anticorpos produzidos em pacientes recuperados, fornecendo aos indivíduos doentes, impulso e ativismo do sistema imunológico. Assim, o esclarecimento para o benefício da terapia mediada por esta técnica é que os anticorpos adquiridos do PC, podem atuar sob o vírus, inferindo-o.

Objetivo: Discorrer acerca da importância do uso do plasma convalescente como método eficaz no tratamento de pacientes infectados pela COVID-19.

Material e métodos: Foi realizada uma revisão da literatura integrativa, mediante análise de conteúdos indexados nas bases de dados Pubmed e SciELO, pertencentes aos idiomas português, inglês e espanhol, publicados entre os anos de 2019 a 2020. Foram utilizados os seguintes descritores para a busca: Plasma sanguíneo; Tratamento para COVID-19; Coronavírus. Ao fim, após triagem sob uso de critérios previamente estabelecidos, foram selecionados 36 artigos.

Resultados e discussão: Com base nos estudos, verificou-se que o tratamento com PC pode ser administrado em pacientes com COVID-19, sendo indicada então, a sua inserção na fase inicial da doença, visto que o uso do método em estágios finais, bem como em pacientes críticos, não tem demonstrado êxito, uma vez que o ápice da viremia se dá na primeiras semanas após o contágio.

Conclusão: Desta forma, o uso do PC em casos de COVID-19 é apontado como seguro, sendo considerada uma terapia promissora para o controle da pandemia. Em suma, mediante dados expressos pelas pesquisas, o PC é um método potencialmente eficiente para o tratamento de patógenos emergentes e reemergentes, principalmente quando se há uma debilidade ou ausência de agentes antivirais ou vacinais com respaldo científico. É importante frisar que a administração do PC deverá ser exclusivamente na fase inicial da doença e sob acompanhamento de profissionais capacitados.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.957>